

AUTO-RETRATO DO ARTISTA PLÁSTICO VIK MUNIZ

# O mestre dos mosaicos

A exposição **'Vik Muniz – A Olho Nu'** reúne mais de **220 obras em 43 séries** diferentes do artista **no CCBB Rio até 7 de setembro**. Págs. 2 e 3

# De brinquedados a pterossauros

Além da ampla retrospectiva de sua obra, Vik Muniz criou 20 novos trabalhos especialmente para esta exposição no CCBB RJ



Self-Portrait (I am too sad to tell you), after Bas Jan Ader

## AFFONSO NUNES

Depois de circular por Recife e Salvador em 2025, a maior retrospectiva sobre a obra de Vik Muniz chega ao Rio em versão ampliada. O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) abre as portas para “Vik Muniz – A Olho Nu”, uma exposição que ocupa o térreo e o primeiro andar da instituição com mais de 220 trabalhos criados entre 1987 e 2026. Muniz é conhecido internacionalmente por criar imagens usando materiais



La Gitana



Angélica

inusitados, como açúcar, lixo, chocolate e confetes, frequentemente ligados ao sentido da obra. Suas obras, muitas vezes fotografadas após serem montadas, integram acervos de importantes museus ao redor do mundo.

A exposição tem curadoria de Daniel Rangel, que acompanha a trajetória artística de Muniz desde 1999. Segundo o curador, trata-se de um “passeio pela produção do artista, desde suas obras tridimensionais, criadas antes do uso da câmera fotográfica, até suas séries de fotos mais conhecidas e as mais recentes”. O recorte apresentado inclui esculturas, objetos e mais de uma centena de fotografias nas quais o deslocamento de funções e a reconfiguração de objetos do mundo estão evidentes.

A versão carioca traz aproximadamente 20 trabalhos novos em relação às etapas anteriores, dos quais cinco foram criados pelo artista



Serra Ouro Branco, a partir de Johann Moritz Rugendas

especialmente para esta mostra em 2026. Entre os inéditos estão as esculturas “O segredo”, “Herói” (um conjunto com dez peças em mármore escuro que se assemelham a pinos de boliche) e “Dardos”. Além disso, a exposição inclui seis novas séries que não estavam presentes em Recife e Salvador: “Principia” (1997–2002), “Verso” (2008/2012), “Veí-

culos Mnemônicos” (2014/2026), “Museu de Cinzas” (2019/2026), “Colônias” (2014–2016) e “Os Arquivos de Weimar” (2004).

Um dos destaques visuais é a escultura “Ferrari Berlinetta” (2014/2026), da série “Veículos Mnemônicos”, que será exibida pela primeira vez no Brasil. Vinda de Turim, na Itália, onde foi pro-

Divulgação

Divulgação



# Como noossos pais



Divulgação

Dernsie



Divulgação

El Ser Querido

“A história contada por Sorogoyen remonta às origens da masculinidade tóxica, sobretudo numa sociedade como a minha, a espanhola, onde a morte de mulheres pelas mãos de seus companheiros, é recorrente e absurdamente normalizada”

JAVIER BARDEM



A paternidade, com seus desafios, falhas e acertos,

desponta como o tema mais recorrente - e tocante - do Festival de Cannes de 2026, com fôlego para consagrar as atuações de Javier Bardem e Sebastian Stan

## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dois realizadoras vão encerrar a seleção oficial de 22 concorrentes à Palma de Ouro de 2026 na tarde desta sexta: Léa Mysius, da França, exhibe “Histoires de la Nuit”, e Valerka Grisebach, da Alemanha, com “The Dreamed Adventure”. Há uma curiosidade no ar na Croisette acerca das conexões que esse par de longas-metragens possa estabelecer com os temas mais recorrentes do 79. Festival de Cannes desde a sua abertura, no dia 12, com a fantasia romântica “La Vénus Électrique”.

O mais celebrado de todos os concorrentes já vistos foi o espanhol “El Ser Querido”, de Rodrigo Sorogoyen, que faz de Javier Bardem um reator nuclear de afetos... bons e ressentidos. Seu papel: um cineasta que resolve dar à sua filha

mais velha, com quem tem uma relação íntima, o protagonismo em sua nova produção. Nos sets, eles travam lutas que deixaram à flor da pele os nervos da mais badalada maratona cinéfila da Terra. Demarcaram a crise da paternidade como assunto dos maos urgentes. Por todo lado, de variados modos, falou-se da arte de ser pai e das artesania do amor filial.

“A história contada por Sorogoyen remonta às origens da masculinidade tóxica, sobretudo numa sociedade como a minha, a espanhola, onde a morte de mulheres pelas mãos de seus companheiros, é recorrente e absurdamente normalizada”, disse Javier Bardem a Cannes, ao disparar como favorito às laúreas da cidade.

Atitudes desprezíveis de pais de primeira viagem se fizeram notar na disputa pela Palma em “Gentle Monster”, da austriaca Marie Kreutzer, sobre um pedófilo, e no brilhante “Fatherland”, do polo-



Divulgação

Full Phil

nês Pawel Pawlikowski, com foco na relação do autor prêmio Nobel Thomas Mann (1875-1955) com a filha escritora, Erika (papel da diva Sandra Hüller), ao saber do suicídio de seu filho, Klaus, em 1949.

Há lugar ainda para pais que amam ao limite de desafiar as leis da Física, como é o caso da família de “Sheep in the Box”, de Hirokazu Koreeda, que pega um construto de inteligência artificial (com cara de criança) para criar. Igualmente ousado é o pai que Sebastian Stan (o Soldado Invernal da Marvel) encarna no devastador drama (com batalhas de tribunal) “Fiórde” (“Fjord”), do romeno Cristian Mungiu. Ele e sua mulher (Renate Reinsve) correm o risco de perder a guarda de sua filharada depois que

o Conselho Tutelar da Noruega, onde vivem, cisma que eles agridem seus rebentos.

A representação paternal mais doída deste Cannes veio fora de concurso, na comédia “Full Phil”, de Quentin Dupieux, que faz Woody Harrelson comer até explodir - literalmente - no empenho de reatar os laços com uma filhota faminta (Kristen Stewart). Na seara documental, o exemplo (bom) de um papai sobre sua prole se fez aplaudir em “Dernsie: The Amazing Life of Bruce Dern”, de Mike Mendez. O documentarista fala do apelo que Bruce (astro de “Nebraska”) teve sobre sua filha atriz, Laura Dern.

Nesta quinta-feira (21), Cannes emabreca num clima de romance... ainda que assolado pelo aroma de

pólvora... em “Coward”, do belga Lukas Dhont, antes premiado no balneário com os dramas sobre despertar da identidade queer “Girl” (2018) e “Close” (2022). Seu novo longa acompanha a paixão entre dois soldados da I Guerra, que se envolvem na criação de esquetes de teatro para elevar o ânimo das tropas.

“A palavra covardia levou muitos homens a fazer o que não queriam para fugir da desgraça. Meu ponto é: quem é o covarde da História: aquele que derrama sangue em nome da honra ou aquele que se mantém coerente com seus desejos”, diz Dhont ao Correio.

Neste sábado, o júri presidido pelo diretor Park Chan-wook vai anunciar a premiação de Cannes.

## ENTREVISTA | JIA ZHANG-KE

CINEASTA

# ‘Assistir a filmes também é uma forma de viagem’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**N**a véspera de estrear o esperado filme-ensaio “Torino Shadow”, no Festival de Cannes, Jia Zhang-ke foi arrancado às pressas de um papo com o Correio da Manhã, antes de falar suas impressões sobre o nosso oscarizado “Ainda Estou Aqui”, de seu amigo Walter Salles. Saiu, pois era esperado na sessão de “Sheep In The Box”, concorrente à Palma de Ouro dirigido por Hirokazu Koreeda. Jia fala do colega japonês com respeito. Quando se refere a vozes autorais que secretam poesia nas veias do audiovisual, o artesão autoral chinês sempre é delicado. Seu novo trabalho parte de sua cinefilia mais neorrealista, numa conexão com mestres da Itália. Na trama, Ah Zhen (Zhao Tao) viaja do sul da China até Turim para ver o marido. Mas uma partida inesperada a leva a reencontrar a si mesma – e a descobrir o cinema do passado.

Há dois anos, ele concorreu à Palma dourada com “Levados Pelas Marés” (“Feng Liu Yi Dai”, no original/ “Caught by the Tides” pelo mundo afora), que lhe rendeu o Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo. Ali, a ideia de peregrinação significa mirar a tecnologia. Agora, o artista inquieto por trás de “Nadando Até o Mar se Tornar Azul” (2020), “Os Hedonistas” (2016) e “Um Toque De Pecado” (2013) se deixa livre para debater o que titãs como Vittorio De Sica (1901-1984) lhe deram de mais precioso. Este papo rolou no terraço da sede da produtora MK2, em Cannes.

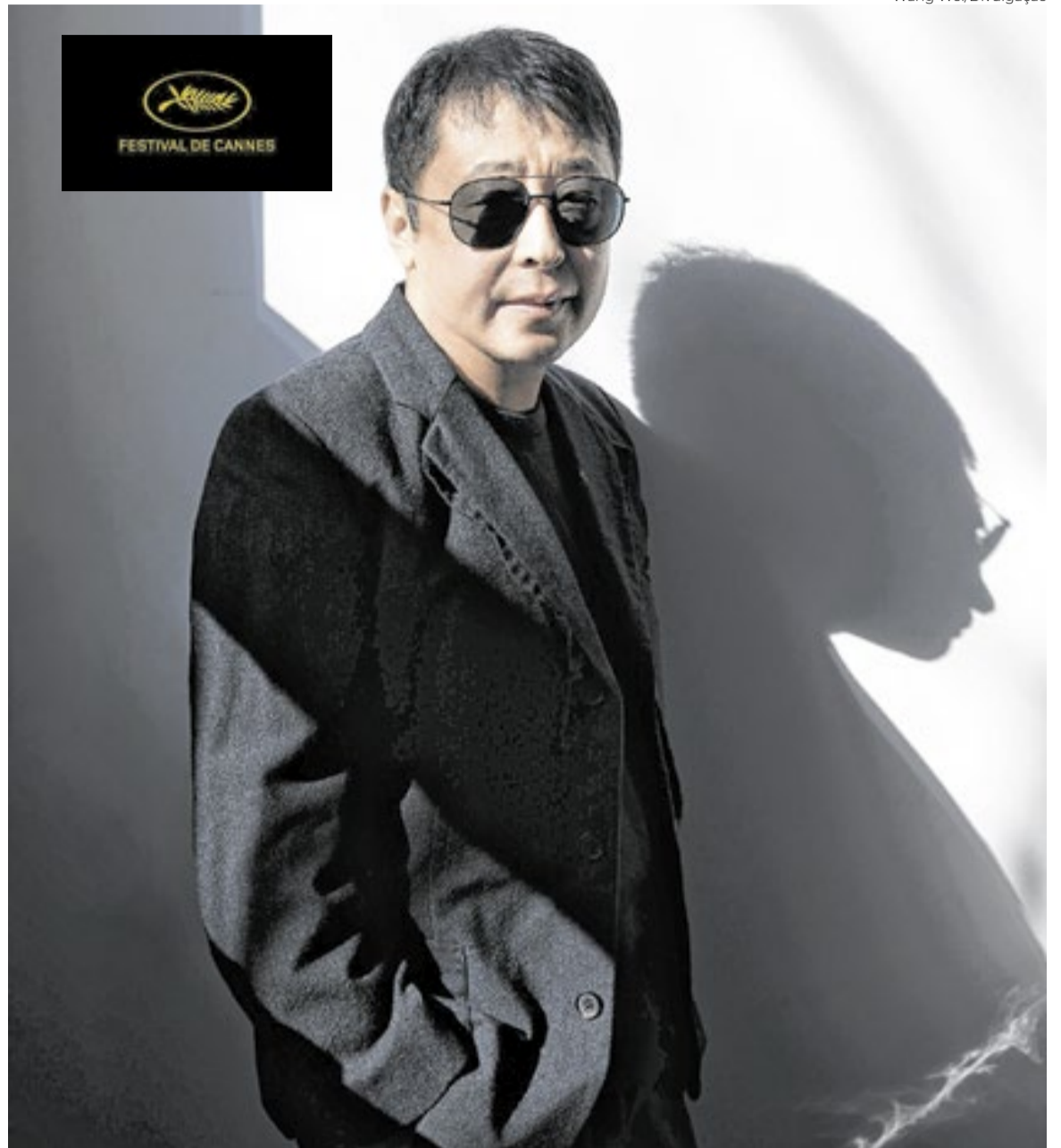
**Quando documentou o senhor, no longa “Um Homem de Fenyang” (2014), Walter Salles enfatizou o lugar da andança na sua obra. O que o deslocamento trás de mais urgente à dramaturgia que o senhor cria?**

**Jia Zhang-ke** - Especialmente nos anos 1980 e nos anos 1990, houve uma série de momentos muito específicos de mobilização social na China, nos quais as pessoas deixavam suas famílias para estudar, trabalhar, emigrar. Tudo isso tinha relação com o contexto histórico, e as escolhas de vida acabavam sendo também uma questão de sorte. Algumas pessoas não apenas deixaram suas cidades; elas chegaram a mudar completamente de país. Acho que isso vem, antes de tudo, da própria realidade chinesa. Mas também penso que é através das

viagens e dos deslocamentos que conseguimos descobrir o que existe em comum entre diferentes regiões e países. Assistir a filmes também é uma forma de viagem. Quando viajamos, nós acabamos entendendo melhor quem somos.

**Qual é a inquietação de Ah Zhen, a personagem de “Torino Shadow” interpretada por sua companheira, a atriz Zhao Tao?**

Esse filme tem uma abordagem muito ligada ao feminino. Cada fragmento da minha obra toca aspectos diferentes da nossa vida. Então, penso que este trabalho é um filme sobre o próprio cinema. Ele está ligado, antes de tudo, à vida e também às mulheres, porque, para mim, o cinema sempre nasce dessa relação humana. Mas eu sinto que “Torino Shadow” não trabalha exatamente



Wang Wei/Divulgação

“Ao viajar com esse filme, estou entendendo mais as dificuldades da vida e percebendo que o amor é algo muito comum entre todos os seres humanos”

te um sentimento de nostalgia que nos trava. Talvez a sua referência histórica central venha do cinema italiano, que possui uma tradição muito rica.

**Que mirada Ah Zhen tem para o cinema?**

Ela atravessa a cidade, faz negócios, trabalha em lugares diferentes, mas também observa as pessoas ao redor. Cada indivíduo possui sua própria história. Às vezes, quando olho para estranhos em parques públicos, sinto que todos carregam um universo inteiro dentro de si. Nas áreas

públicas de cada metrópole, cada pessoa está contando silenciosamente sua própria história

**De que maneira essa linhagem à italiana, de Fellini & cia o influenciou?**

Acho que os filmes italianos da década de 1950 e 60 foram alguns dos primeiros a que assisti na vida. Há uma cena em “Ladrões de Bicicleta”, do De Sica, na qual um pai leva o filho para um grande jantar. Eles são pobres, mas o pai decide fazer algo acima das próprias possibilidades para agradar o garoto. Isso me emo-

cionou profundamente porque meu pai fazia exatamente a mesma coisa quando eu era criança e marcou-me muito perceber isso no cinema. Mesmo sem terem dinheiro, meus pais faziam questão de proporcionar momentos felizes para mim. Eles se sacrificavam para me ver feliz, especialmente em datas importantes, como aniversários. Acho que muitos pais fariam o mesmo.

**De que maneira, em sua dinâmica transitória, de andança, nasce uma noção de território... e, com ela, uma sensação de pertencimento?**

Ao viajar com esse filme, estou entendendo mais as dificuldades da vida e percebendo que o amor é algo muito comum entre todos os seres humanos. Nos meus curtas e longas existe sempre uma dimensão espacial. Mas ela não é apenas geográfica. Envolve também uma dimensão humana e natural, ligada às montanhas, às estradas, às plantas e às cidades. Para mim, cada pessoa entra no cinema carregando a própria vida dentro do coração. Quando eu entro numa sala do Palais de Cannes, para ver um novo Koreeda, levarei comigo todas as experiências e memórias dessas conversas.



Berlinal.de

# Tilda Swinton nos tímpanos



Aos 65 anos, a diva mais radical do cinema de autor fala de vida, obra e sonhos em Cannes, em sabatina sobre arte e política

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

O bjecto de culto no cinema independente, onde é parceira recorrente de Wes Anderson, Jim Jarmusch, Pedro Almodóvar e Bong Joon-Ho, Tilda Swinton vai fazer um filme novo com o tailandês Apichatpong Weerasethakul, com quem foi parar na Colômbia, nos sets de “Memória”, Prêmio do Júri em Cannes, em 2021. Esteve lá naquele ano de covid-19 e foi avalida por um júri que teve Kleber Mendonça Filho como votante. Os dois foram jurados juntos, no Festival de Marrakech, em 2019. À época, ela quis ouvir o pernambucano sobre a dureza do Brasil de Bolsonaro. Sempre tem ouvidos para povos bem diferentes do seu Reino Uni-

“Não tenho medo de me desapegar da vaidade e esquecer da maquiagem, pois o meu motor no processo de criação é uma aura de vida”

**TILDA SWINTON**

do natal falarem de sua arte.

Hoje, é a Croisette que vai parar para ouvir (e aplaudir) Tilda. Um ano depois de ganhar o Urso de Ouro Honorário da Berline, a atriz nascida em Londres, há 65 anos, vai falar de si e de sua forma de se reinventar na seção Rendez-vous, a sabatina anual que Cannes faz com artistas de exceção. “Não tenho medo de me desapegar da vaidade e esquecer da maquiagem, pois o meu motor no processo de criação é uma aura de vida”, disse Tilda ao Correio

da Manhã ao ser homenageada no Festival de Berlim.

Alvo de convites sazonais de Hollywood, onde teve lugar de honra na Marvel, em “Os Vingadores: Ultimato” (2019), a estrela de “O Quarto ao Lado” (Leão de Ouro de 2024) é dona de um sítio onde cria galinhas, ensinando seus filhos a respeitar a natureza. Tem o olhar aberto para o cinema sul-americano, que admira há tempos. Foi presidente do júri do Festival de Berlim em 2009, quando deu

o Urso de Ouro à peruana Claudia Llosa, pelo drama “A Teta Asustada”. Premiou ainda o drama romântico uruguaio “Gigante”, de Adrián Biniez.

“Meu português não é bom, nem meu espanhol, mas a minha curiosidade por muitas formas de fazer cinema é plural. É importante, quando estamos na condição de analisar filmes de diferentes culturas, dar voz a manifestações artísticas que desafiam convenções”, diz a atriz, que vai filmar “Jenjira’s Magnificent Dream”, com Apichatpong.

Em 2025, ela passou por Macau com “Balada de um Jogador”, ao lado de Colin Farrell, hoje na Netflix. Até o fim do ano, ela será vista em “Songs For Fiji”, de Cynthia Beatt.

Antes de Tilda, Cannes estendeu seu Rendez-vous a Cate Blanchett e a Peter Jackson.

## Aquele **tio que (todos)** nós amamos

‘Meu Tio’, obra-prima de Jacques Tati, fecha a programação de Cannes com exibição nas areias do balneário francês

Recordista de bilheteria, “Mon Oncle” (“Meu Tio”), do artesão francês do riso Jacques Tati (1907-1982), será o último filme exibido na programação deste Festival de Cannes, com sessão no Cinéma de La Plage, nas areias da Croisette.

A projeção será neste sábado (23), logo depois de o Palais des

Festivals encerrar o anúncio da premiação.

Vencedor do Prêmio Especial do Júri em Cannes em 1958, o longa acompanha Monsieur Hulot, personagem icônico do diretor, em sua convivência atrapalhada com a família da irmã, satirizando a obsessão da classe média pelo conforto e pela mo-

dernidade. Produzido com orçamento estimado em 250 mil francos franceses, Mon Oncle foi visto por 4,5 milhões de pagantes em sua pátria e teve um desempenho de bilheteria expressivo ao longo das décadas em relançamentos e circuitos internacionais de arte.

Na França, a estreia comercial ocorreu em 10 de maio de 1958. No Brasil, entrou em cartaz no mesmo ano. Em 2026, este clássico ganhará novo relançamento restaurado nos cinemas franceses a partir de julho. (R.F.)



Divulgação

Produção de orçamento modesto, ‘Meu Tio’ conquistou o mundo

Divulgação/ Lucasfilm



Scorsese (detalhe) entra para o universo 'Star Wars' como um macaco cozinheiro desconfiado

# Da máfia ao universo Star Wars

Martin Scorsese, o mítico diretor, está no longa 'Mandaloriano e Grogu' emprestando sua voz ao macaco Hugo Durant



Ao contrário da série, o astro chileno Pedro Pascal teve uma convivência maior com o diretor Jon Favreau nos sets do longa que chega aos cinemas nesta quinta

## PEDRO SOBREIRO

Estreando nos cinemas brasileiros nesta quinta-feira (21), 'Star Wars: O Mandaloriano e Grogu' traz um dos elencos mais pesados da história da franquia, além do protagonista ser interpretado por Pedro Pascal, o atual queridinho de Hollywood, nomes como Sigourney Weaver, Jeremy Allen White e o lendário diretor Martin Scorsese se juntam ao time na primeira aventura Star Wars a chegar aos cinemas nesta década.

O diretor Jon Favreau destaca que na série o chileno Pedro Pascal aparecia menos. "Normalmente, quando estamos fazendo o programa de TV, temos dois sets com o Mandaloriano. Então você tem

Brendan Wayne, você tem Latif Crowder, que é um capoeirista brasileiro, e no outro temos o Pedro [Pascal] gravando a voz. Na tela, quando o capacete sai, com certeza é ele, sempre foi o Mandaloriano. Mas, nos bastidores, sempre foi diferente. Tínhamos diferentes artistas dentro do traje para diferentes tipos de cenas. Agora, no filme, pudemos passar mais tempo com o Pedro e colocá-lo para fazer sequências de ação. E, nossa! Depois de vê-lo em 'Gladiador II', eu disse: "oh, temos que escrever mais cenas de ação. Eu não sabia que você podia fazer tudo isso!", disse o diretor ao Correio.

"Não sei se você sabe, mas o Pedro foi um nadador competitivo quando era mais jovem, então o colocamos na para fazer cenas de luta embaixo d'água. Nós nos divertimos muito desta vez. Ex-

plorar o potencial dele, porque nós já amávamos seus trabalhos em 'Game of Thrones' e 'Narcos'. Ver sua carreira florescer é incrível", completa Jon Favreau.

## Lendas do cinema

Desde a primeira temporada, lendas consagradas do cinema vêm fazendo participações especiais na série. O consagrado diretor alemão Werner Herzog, por exemplo, foi o grande responsável pela jornada do Mandaloriano e o Grogu, já que foi seu personagem que ordenou o sequestro do bebê Yoda. Agora nos cinemas, o filme conta com outro diretor lendário: Martin Scorsese.

Responsável por clássicos como "Touro Indomável", "Os Bons Companheiros", "O Lobo de Wall Street" e "Assassinos da Lua das Flores", Scorsese faz uma participação especial como Hugo, um macaco

“Como qualquer bom mágico, tentamos misturar a tecnologia com o mundo real para que vocês nunca saibam exatamente se o que estão vendo em cena é real ou digital”

JON FAVREAU

animadores fizeram um trabalho incrível com o personagem”, destacou.

Atrilado à galáxia de Star Wars desde 2008, quando dublou o Mandaloriano Pre Vizsla na série animada "Star Wars: The Clone Wars", Favreau virou peça fundamental da franquia a partir de 2018. Após ter feito uma participação especial como o piloto Ardenniano Rio Durant em "Han Solo: Uma História Star Wars", ele foi anunciado como criador, roteirista e diretor de uma nova série em live-action de Star Wars para o Disney+. A série em questão era "O Mandaloriano", que seria o grande rosto da franquia na década de 2020.

Favreau é um dos "pais" do Universo Cinematográfico Marvel (MCU), que já arrecadou mais de US\$ 32 bilhões desde seu início, em 2008. Ele aceitou o desafio de dirigir "Homem de Ferro", o pontapé inicial do MCU, e foi um dos grandes responsáveis pela escalção de Robert Downey Jr. no papel de Tony Stark.

Não é exagero dizer que Jon Favreau é a receita de sucesso da Disney no século XXI, por isso tanta confiança do maior império do entretenimento da atualidade em seu trabalho.

Em "O Mandaloriano e Grogu", Jon conseguiu trazer outra característica de seus trabalhos, que é usar e até mesmo criar novas tecnologias para o cinema.

O diretor também valorizou o trabalho de gravação em sets reais. "Construímos selvas e florestas gigantes com a tecnologia e usamos isso como base para pequenas extensões de sets reais, porque nós tínhamos tudo em efeitos práticos. Então, como qualquer bom mágico, tentamos misturar a tecnologia com o mundo real para que vocês nunca saibam exatamente se o que estão vendo em cena é real ou digital, mas conseguimos criar a ilusão de estarmos em mundos reais e coerentes. E 'Star Wars' sempre foi sobre construção de mundos. Eu tive muita sorte de poder fazer no cinema o que nem sempre tivemos a oportunidade de fazer no programa de TV", admitiu Jon Favreau.

# SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

## Para Noca, o samba também era trincheira

**P**erdi um amigo no fim da semana passada. Um amigo que era a síntese do carioca: bom malandro, sambista, amante do futebol - era um notório tricolor - e um declarado praticante de uma das maiores virtudes de um ser humano: a solidariedade. Noca da Portela era tudo isso. Um gentleman que ajudou a encher a MPB de obras eternas, como "É Preciso Muito Amor", "Caciqueando" e "Alegria Continua". Isso sem contar sua trajetória gloriosa na Portela, onde se tornou, ao lado de David Corrêa, o maior vencedor de concursos de samba-enredo da história da escola.

Nos últimos dias, muitos textos tentaram resumir a dimensão do artista mineiro que escolheu o Rio como pátria afetiva. Eu prefiro lembrar do homem. Ou melhor: de uma das partes mais bonitas dele. A consciência política.

Sim, Noca era comunista. E dizia isso com o mesmo orgulho com que dizia ser portelense. Foi herança de seu pai: Ernesto Domingos de Araújo, o comunista Sabiá Num país onde tanta gente passa a vida escondendo convicções dentro da gaveta para não criar atrito, ele fazia questão de carregá-las no peito, como quem leva um estandarte.

Lembro de uma conversa que tivemos há alguns anos. Mais de quatro horas de papo numa churrascaria que existia perto da esquina da Estrada do Portela com a Rua Clara Nunes, em Madureira, endereço da azul e branco. Noca falava como se sambasse: sem pressa, sem pose e com uma musicalidade que parecia transformar até memória em partido-alto.

Foi ali que ele me contou, com um justo heroísmo na voz, sobre os tempos duros da ditadura militar no Brasil. Sobre estudantes perseguidos nos tempos do AI-5 que encontravam abrigo na sua casa, no Morro do Tuiuti, em São Cristóvão. Enquanto os generais tentavam transformar o país numa imensa sala de silêncio, sambistas como Noca mantinham acesa a luz miúda da solidariedade. Era o Brasil profundo resistindo do jeito que

**E talvez aí  
esteja a beleza  
maior de Noca.  
Ele nunca  
transformou sua  
militância em  
personagem. Era  
simplesmente  
coerente"**

sabia: abrindo a porta, servindo comida, oferecendo proteção.

Talvez porque ele soubesse que o samba nunca foi apenas festa. O samba também é trincheira.

Essa consciência política atravessou sua obra inteira. Está em "Virada", eternizada na voz de Beth Carvalho, quando o país começava a reaprender a sonhar com democracia: "Vamos lá, rapaziada / Tá na hora da virada / Vamos dar o troco". Em tempo: os direitos de execução desta canção foram cedidos ao PMDB na figura de Ulysses Guimarães.

Está também em "Não Me Venha com Indiretas", espécie de crônica cantada de um Brasil cansado



Divulgação

de atalhos autoritários e sedento pelo direito de escolher o próprio destino. "Se segura, meu irmão / Que o negócio é uma direta / A meta é a eleição".

Os comícios das Diretas Já tinham discursos inflamados, bandeiras erguidas e líderes históricos. Mas tinham também pandeiro e tamborim. Tinham povo cantando samba em forma de oração pela redemocratização.

E talvez esteja aí a beleza maior de Noca. Ele nunca transformou sua militância em personagem. Era simplesmente coerente. Filho de um homem que lhe deixou duas heranças inseparáveis - o samba e a convicção comunista -,

viveu como quem entendia que arte sem humanidade é só barulho bem arrumado.

Sua partida deixou o Rio um pouco mais silencioso. Como se algum surdo tivesse parado de marcar o tempo da cidade. Mas gosto de pensar que homens como Noca não vão embora completamente. Ficam pairando por aí, nas esquinas de Madureira, nos botequins de Botafogo, nas rodas de samba e nas pequenas gentilezas anônimas.

Porque existem pessoas que passam pela vida. E existem pessoas que ajudam um país a ter alma. Uma delas foi Osvaldo Alves Pereira, o eterno Noca da Portela.